

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COTACAO



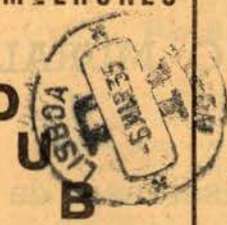
Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRETOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

SAPEC

OS MELHORES
A DUBOS



PARA
**TRIGOS, MILHOS,
BATATAS e VINHAS**

A **SAPEC** vende os melhores
adubos sempre aos melhores
preços do mercado

ADUBOS para todas as culturas

SAPEC Rua dos Fanqueiros, 121. 1.º
LISBOA

João Manuel Palma SERPA

Produtor e fabricante de azeites,
pelos processos mais modernos

Francisco Romão Tenório

Herdade da Figueira de Cima

Creador de mueres de raça seleccionada,
e de gado cavalar, bovino, suino, lanigero e caprino.
Produtor de toda a qualidade de cereais

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos
ARRONCHES

HERDADE DA GRAMICHA

DE
Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino
Produtor de cereais, lãs, azeites e queijos

ELVAS

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15
e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

Ramiro & Irmão, L.ª

Moagem de Cereais

e Debulhas á Máquina
Aldeia dos Fernandes — **CASTRO VERDE**

Joaquim Patricio da Cruz

Produtor de cereais

Fábrica de farinha em rama

S. Luiz

ODEMIRA

BREVEMENTE

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIÁRIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegrafico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

“JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadística, Abertura de Cambios, etc.*

A começar no 1.º numero:

Ártigos: Trabalho inedito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Uruguai, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o “**Jornal do meio-dia**”

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais** Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:

Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // ZOOLOGICO // TURISTICO DE ELVAS

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

Em defesa da Lavoura Alentejana

Por Dr. Mira Galvão — Engenheiro Agronomo

A nossa literatura agrícola é escassa e pouco produtiva, apesar-da agricultura ser a nossa principal industria, aquela que emprega directa ou indirectamente, a actividade da maior parte dos portugueses.

No Alentejo, provincia de escas-



Dr. Mira Galvão

sa população e pouco industrial, a percentagem dos que vivem directamente da agricultura deve andar pelos 30 por cento.

Apesar disso, livros sobre agricultura, poucos se publicam e as revistas da especialidade, vivem umas com muitas dificuldades e outras para terem vida desafogada tiveram que fazer da profissão uma especulação jornalística, em vez de um sacerdocio exercido em favor da agricultura que se propõem fomentar e defender.

Porém, as revistas da especialidade são periódicos que interessam um número limitado de leitores, não tendo para o público em geral

o interesse de um jornal diário que, sendo noticioso, trate ao mesmo tempo de assuntos agrícolas.

E' certo que quasi todos os grandes jornais diários, publicam hoje, uma vez por semana, uma secção agrícola, e não devemos esquecer quanto esta iniciativa tem contribuido para o progresso da nossa agricultura. No entanto, as outras classes organizadas, moagem, comércio, operariado, etc., que em conjunto não atingem metade da população do país, têm na imprensa os seus órgãos diários, que dia a dia defendem os seus interesses, e constantemente divulgam os conhecimentos de maior utilidade para as respectivas classes.

Sendo a classe agrícola a mais numerosa, e aquela que produz, além da industria mineira, tudo quanto é necessário á vida, e alimenta as outras indústrias, porque razão não possui ela também os seus órgãos diários na imprensa, que a defendam, que a orientem e a instruem?

Porque, para a realização desta iniciativa, como para todos os grandes empreendimentos, é necessário aliar á força de vontade e á competência, os meios materiais indispensáveis para o conseguir, e a classe agrícola tendo vivido sempre dissociada, agrupada apenas aqui e além nos Sindicatos e nas Caixas de Crédito Agrícola, organizações que, por falta de ligação e de coesão entre si, não tinham podido ainda aproximar os elementos indispensáveis á criação de um órgão que as representasse na grande imprensa diária.

Foi Pedro Muralha, o escritor alentejano e jornalista insigne que, coordenando e aproximando no Album Alentejano todos os valores e interesses do Alentejo, na Agricul-

tura, no Comércio, nas indústrias, nas Artes e nas Letras, despertou a um grupo de lavradores de Elvas a iniciativa de crear um jornal diário de grande circulação, que defende os interesses da nossa provincia e em especial da classe agrícola, por ser ela a mais numerosa e aquela que é mais necessário impulsionar e fazer progredir para interesse de todas as outras classes e da Nação.

Honra pois á Lavoura de Elvas que se propõe proporcionar a Pedro Muralha os meios materiais para a realização deste grande empreendimento, de tanto interesse para a nossa esquecida e abandonada provincia.



Francisco Adelino Gonçalves
Lavrador d'Elvas que teve a iniciativa da publicação de um jornal diário

E' indispensável que de uma vez para sempre toda a Lavoura Alentejana acorde do marasmo, da indiferença e saia do comodismo em que tem vivido e apoi a iniciativa da Lavoura de Elvas.

O novo órgão da Lavoura terá,



Antonio Blanco Fialho,
aderente em Barrancos

segundo resolução da Comissão organizadora, o nome de *Jornal do Meio Dia*, por se propor defender os interesses do Sul, e será editado por uma Empresa que se vai fundar para esse fim com o capital de 100 contos, dividido em 500 acções de 200 escudos.

Pela Comissão Organizadora foram já distribuídas circulares com os talões para inscrição de todos os alentejanos, amigos da sua província, que queiram contribuir com uma parcela, ainda que mínima, de capital, para a constituição da *Alentejana Editora*, e estou certo de que a maior parte dos que receberam a circular, não exitarão em subscrever uma ou mais acções, pois o lavrador que tão habituado está a prejuízos imprevistos, não porá dúvida em fazer esse pequeno sacrifício a favor da sua classe. Nós não conhecemos os membros da Comissão Organizadora, a não ser Pedro Muralha, mas não deixaremos de lhe dar o nosso apoio moral e material, ainda que modesto, porque tem que ser proporcionado às nossas posses, para que possam levar a bom termo o seu empreendimento.

A Empresa até pode auferir bons lucros se o jornal fôr bem feito e convenientemente orientado para ser apreciado e muito lido e disso me parece garantia suficiente a competência do seu director. Os lucros, se os houver, segundo nossa modesta opinião, deverão ser empregados na realização de novas iniciativas, tendentes a tornar conhecida, amada e respeitada a nossa província e a agricultura alentejana. Há tanto que fazer ainda no Alentejo!...

E afinal o que são para os médios e grandes lavradores 200\$00 com que participe cada um para a realização de tão útil empreendimento?

Basta que cada lavrador faça conta de que lhe morreram este ano de fome mais seis berragos ou que colheu menos 20 decas de trigo.

'O jornal do Meio dia'

Uma acção comovedora

De todas as adesões que a A. E. tem recebido, aquela que mais nos sensibilizou foi a que nos trouxe o alentejano Francisco da Cruz Louro, estudante das Belas Artes, e que para se manter tem que trabalhar das 9 da manhã às 11 da noite.

Trouxe-nos a sua adesão com as seguintes palavras: — «A' fôrça de muitas economias, consegui amealhar 200 escudos. Venho trazê-los para a *Alentejana Editora*. Quero que com o meu sacrifício o Alentejo tenha na imprensa diária, um órgão que o defenda».

O «Jornal do Meio Dia», no Alentejo

Elvas, 24. — Esteve aqui, tendo conferenciado com a direcção do Sindicato



José Elias Martins,
aderente em Portalegre

Agrícola, o sr. Pedro Muralha, futuro director do *Jornal do Meio dia*.

Para a *Alentejana Editora* já se inscreveram como accionistas os seguintes lavradores: dr. Rui de Andrade, Francisco Adelino Gonçalves, dr. João

Pelo menos aos alentejanos que para isso concorrerem resta-lhes a consolação de terem tentado contribuir com uma parcela do seu esforço para o bem do Alentejo, da Agricultura e da Nação.

J. MIRA GALVÃO

Eng. agrónomo e lavrador

Nota da Redacção—Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Mira Galvão agradecemos muito as suas palavras. Mas necessitamos fazer uma rectificação. Não foi Pedro Muralha que desportou a um grupo de lavradores de Elvas a ideia da publicação de um jornal diário. Pelo contrário: foi o abastado lavrador elvense sr. Francisco Adelino Gonçalves, secundado depois pelo Sindicato Agrícola, quem expôs ao nosso director a necessidade desse diário.

Pinto Bagulho, José Mendes, Armando Gonçalves, Pompeu Corado Caldeira, Francisco da Silva Rasquilha Corado, José da Silva Telo Rasquilha, dr. Júlio de Abreu, António Amaro Tenório Rente, José António Pinheiro Júnior, dr. Manoel Vicente de Abreu, e Joaquim Guilherme de Vasconcelos de Azevedo e Silva.

Brevemente realiza-se uma assembleia geral onde se convidará toda a Lavoura a subscrever-se.

Arronches, 26. — Esteve nesta vila Pedro Muralha que foi hóspede do abastado lavrador sr. Francisco Romão Tenório.

Já vários lavradores se teem inscrito para accionistas da *Alentejana Editora*. Brevemente vai realizar-se uma reunião da Lavoura local, a convite do Sindicato afim de que todos entrem para a A. E.

Portalegre, 27. — Encontra-se nesta cidade o futuro director da *Alentejana Editora*. Já aderiram os irmãos Elias e outros lavradores.

Na classe agrícola nota-se grande interesse pelo futuro órgão da Lavoura.

Cabeça Gorda, 1. — Esta aldeia também está sabendo corresponder á iniciativa dos lavradores de Elvas. Já se inscreveram como accionistas da *Alentejana Editora*, os seguintes lavradores: José Vaz Montes Palma, António Manoel Montes Palma e António Manoel Gonçalves de Brito.

A atitude de alguns sindicatos

Mas nem todos os Sindicatos Agrícolas teem sabido corresponder á iniciativa que virá defender os interesses da lavoura.

Como ficou resolvido na reunião dos lavradores de Beja, e aprovada na reunião dos Sindicatos Agrícolas Alentejanos, efectuada no passado dia 11 no Grémio Alentejano, foi pedido a todos os Sindicatos para fazerem distribuir pelos seus associados a circular dirigida á Lavoura alentejana.

Pois alguns Sindicatos houve que tomaram uma atitude muito esquisita. Devolveram as circulares, demonstrando assim o seu desinteresse pela iniciativa dos lavradores de Elvas, Beja,

(Continua na pag. 8)



José da Silva Telo Rasquilha,
aderente em Santa Eulalia

Os perigos para a lavoura

Um projecto de lei que é de boa doutrina apresentado pelo deputado elvense dr. Garcia Pereira

Vem fructificando a intensa propagação em prol das grandes necessidades da Lavoura Nacional, tantas e tão variadas são estas que davam para uma resenha diária, a qual sómente se poderá utilizar quando se iniciar a publicação do órgão da classe em auspiciosa perspectiva.

A F. N. I. M. fez publicar, há pouco, uma nota officiosa, porque o grande jornal «O Século», a quem o País, a situação e todas as classes muito devem pelo que elle pugna pelo seu bem-estar denominou de «Monopólio» a situação que essa classe — irmã gêmea da grande Moagem — vem disfrutando em proveito dos dois colossos, apostados em sugar os miseros proventos das classes trabalhadoras.

O prestigioso jornal desta vez errou; não deveria ter classificado de «monopólio» a facilidade de elevar o preço do pão, sem motivo justificado, por isso que a matéria prima, o trigo, custa menos e a concorrência é menos de temer, porque compravam por uns «patacos» as licenças que os padeiros possuíam para panificar e vender pão a 1\$50, 1\$60 e 1\$70, governando-se muito bem.

As felizes empresas, arredando esses obstáculos, elevaram 2 tostões, — 20 centavos — em cada quilo, num producto de primeira necessidade, de consumo diário, obrigatório, imprescindível, portanto, de fabulosos proventos.

Mais propriamente no seu magistral artigo, o grande jornal deveria ter dito que saíu ás famosas agremiações a sorte grande da loteria da China; aos lavradores o prémio consolador da terminação, e ao desventurado pobre consumidor saíu o bilhete branco.

...Assim é que está certo.

Mas de algum modo vem agindo-se; não percamos as esperanças de um futuro melhor e de mais justiça. O deputado, Ex.^{mo} Sr. Dr. Garcia Pereira, apresentou já no Parlamento, na sessão de 13 do corrente, um projecto de lei que é a boa doutrina para o caso, pois tende a moralizar os costumes e os vícios que de longe vêm, fortalecendo os governos para uma acção enérgica e implacável, destruidora dos cambões que infestam o País e desprestigiam o Estado Novo. Muito tem a Lavoura a esperar da acção do estimado Deputado, porque S. Ex.^a pelo seu contacto com ella, sabe muito bem quanto vem sendo sacrificada por falta de quem a defenda.

Outro grave problema tem a Lavoura alarmada no presente momento. É a pretensão da Câmara Municipal de Lisboa de negar licença para o trânsito de veículos conduzidos por cavalgadas, nas ruas da cidade já existentes e outras com que se pensa embelezá-la.

Se eu não conhecesse a notável envergadura moral que preside ao Município da Câmara, assustava-me, tão perniciosa seria para a Lavoura semelhante medida, se fôsse posta em prática. Pode, porém, a minha classe estar tranqüilla; o valoroso militar, que vem dei-

xando um rasto de prestigioso bom senso e de energia nas missões em que se tem notabilizado, saberá encaminhar as pretensões antagonicas da sua vereação com as da Lavoura, porque tentar pô-las em prática seria não ter a noção da gravissima perda para a economia nacional e para o consumo dos productos da Lavoura, quer na sua pecuária, quer no cultivo de rações, sem esquecer quanto concorreria para a atrofiamento das Artes e Offícios, adherentes á industria.

A cobrança pelas licenças de turismo para esses veículos não teve outro objectivo que não fosse ressarsir o Estado, pela danificação que elles occasionam nas estradas; as cobradas pelas Câmaras Municipais têm o mesmo efeito; isso, e quando muito, qualquer modificação nos aros das rodas poderão ser objecto de estudo. Ter, porém, a veledade de privar quem quer que seja, de utilizar o sistema de transporte mais consentâneo com as suas necessidades, difundindo o trabalho e a utilização de productos nacionais substituindo-os por outros carecidos de elementos estrangeiros, não pode subsistir, competindo á Lavoura erguer o seu grito de alarme e ir junto daquela Edilidade depositar a sua reclamação no sentido de ser posta de lado a pretendida modificação.

É para casos desta natureza que as agremiações de classe e os seus directores não devem permanecer alheios ou dormentes; é preciso agitá-los, conseguindo que uma onda de bom senso presida a todas as decisões que contendam como atrofiamento de todas as riquezas e necessidades de trabalho nacionais.

A propósito da entrevista do sr. dr. Oliveira Salazar — algumas considerações sobre a mesma

A entrevista concedida ao grande jornal «O Século», pelo eminente estadista e Presidente do Conselho, não nos deixou dúvidas acêrca dos propósitos de S. Ex.^a para resolver o grave problema do barateamento reclamado no preço do pão, sacrificando também a Lavoura, baixando a tabela official do preço do trigo.

Temos de nos render á evidencia; a lavoura vem, e continuará sofrendo, as consequências do seu isolamento. Tratando-se da classe de maior preponderância no Alentejo, tanto se tem alheado das suas prerogativas, tanto tem descurado os seus vitais interesses junto dos Poderes Constituídos, tão mal representada vem sendo pelas suas agremiações de maior preponderância, e tão descuradamente vem sendo fortalecida por quem dedicadamente a auxilia, que se encontra abandonada á mercê de períodos mais felizes.

Por efeito de uma Campanha formi-

Estamos num período de legislação nascente e efervescente; não podemos descurar o seu prosseguimento sem o impulsionar com a nossa concordância quando tenda em beneficio da colectividade; quando resvalar para o campo oposto assiste-nos também o dever de orientar, para não ficar sancionada por obra imperfeita e atentória dos legitimos interesses de quem só trabalhando, de quem só tendo occupação pode viver e ser cidadão pacifico. Devem ser arredados inteligentemente, os atritos que possam conduzir a divergências entre as classes produtoras e as consumidoras. Pensando assim venho eu pugnando por um necessário e justo entendimento entre a Câmara de Lisboa e a Lavoura, para serem inspeccionadas nas localidades de origem, pelas Intendências de Pecuária ou Veterinários Municipais, os gados a abater no Mercado do Matadouro em Lisboa, para facilitar as transacções e a oferta, de que uns e outros andam afastados, com gravame para a situação reciproca. Estudem-se essas bases e ponham-se em prática sem delongas; pugne-se, em conjunto, para que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, reduza na medida do possível, esses transportes; assim se verá aumentar o abastecimento dêsse Mercado, da escassez no qual a população lisbonense se queixa com muita razão.

Aproveitem-se os alvitres, sejam de que origem for, quando elles tendam em beneficio comum. A congregação das classes é tão precisa como a de todos os portugueses, para manter e elevar possivelmente mais ainda a obra de um só homem que idealizou e tem por divisa a grandeza da Pátria.

22-2-935 .

dável, de largo alcance e iniciativa, procurou-se levantar a Classe de um marasma sem vida nem finalidade, fazendo-lhe crer que podia abalançar-se aos maiores sacrificios, produzindo o trigo necessário para bastar o consumo público, sem receiar contingências; tal era a ânsia e o desejo de chegar á finalidade patriótica em vista.

Associou-se a Providência á brilhante iniciativa; dando-lhe graças, pudemos alcançar a meta da glória e conveniência para a economia geral do País, com a produção do ano findo.

Perturbando as regulares condições dessa marcha triumphal, foi levada a efeito uma escusada importação dêsse cereal, originária do mal de que vem enfermado, tornando a solução do problema difficil, sobremodo martirizante para a classe produtora, á qual, de ano para ano e sob vários fundamentos, se vem cerciando os necessários e justos proventos, sem que dêsse sacrificio be-



PORCARIA



Um guardador



Uma malhada (Revenduda, Souzel)



Gado suíno pertencente a Picão Caldeira, (Santa Eulália)



Um guardador



De 285 a 315 quilos (Luiz Galvão, Beringel)



Uma vára de fartopos (Francisco Romão Tenorio; Arronches)



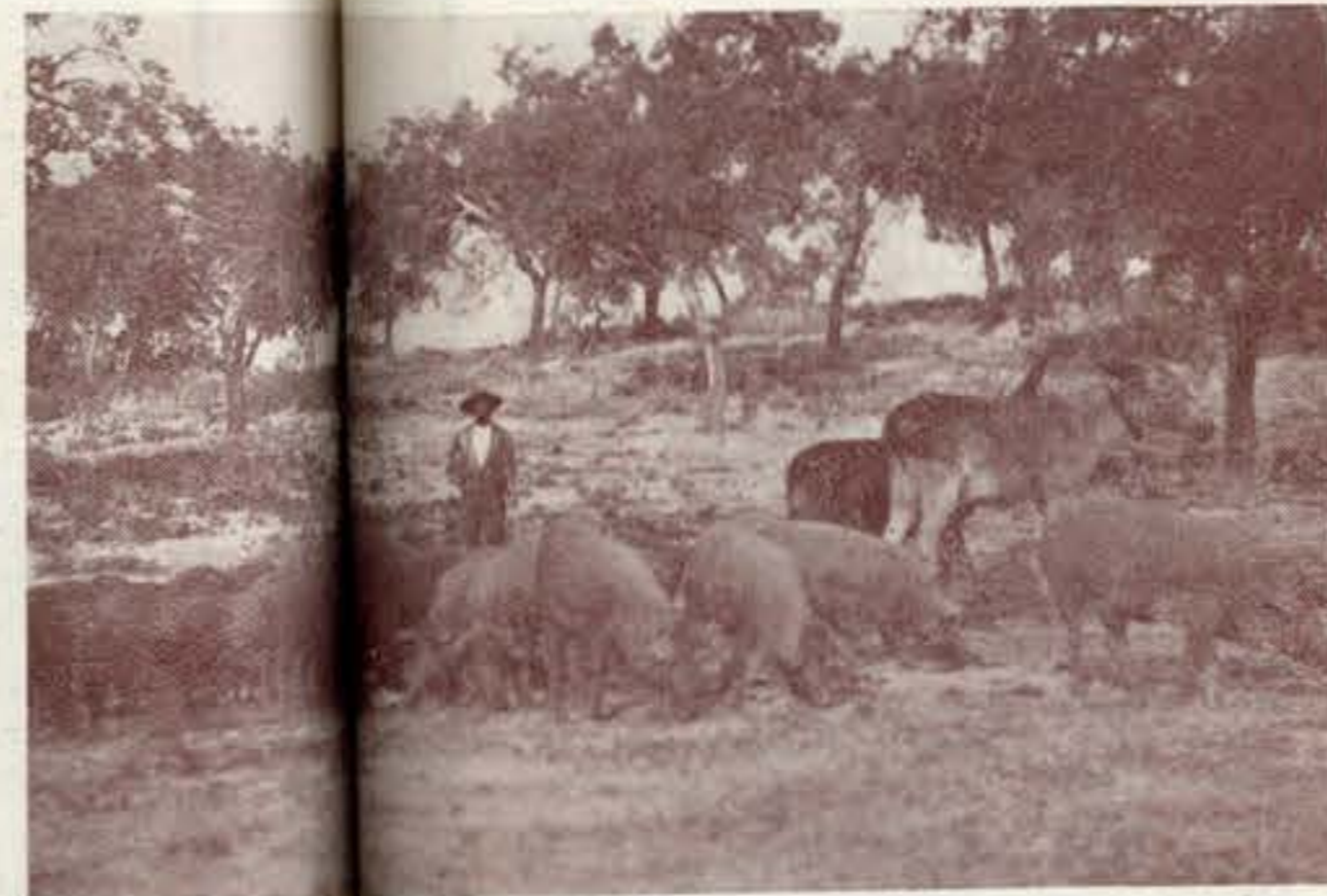
Fartopos da herdade dos Atoleiros (Castro e Brito, Fronteira)



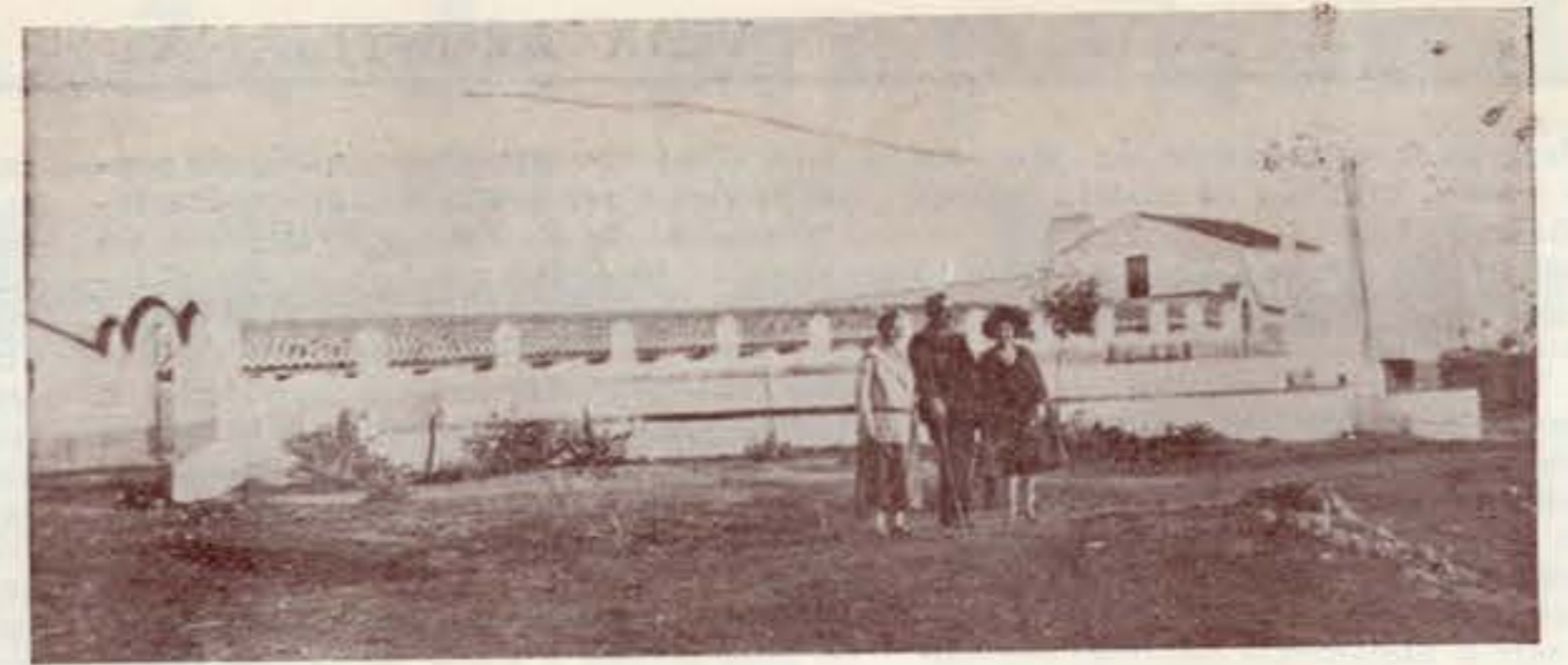
Mercado de Portalegre



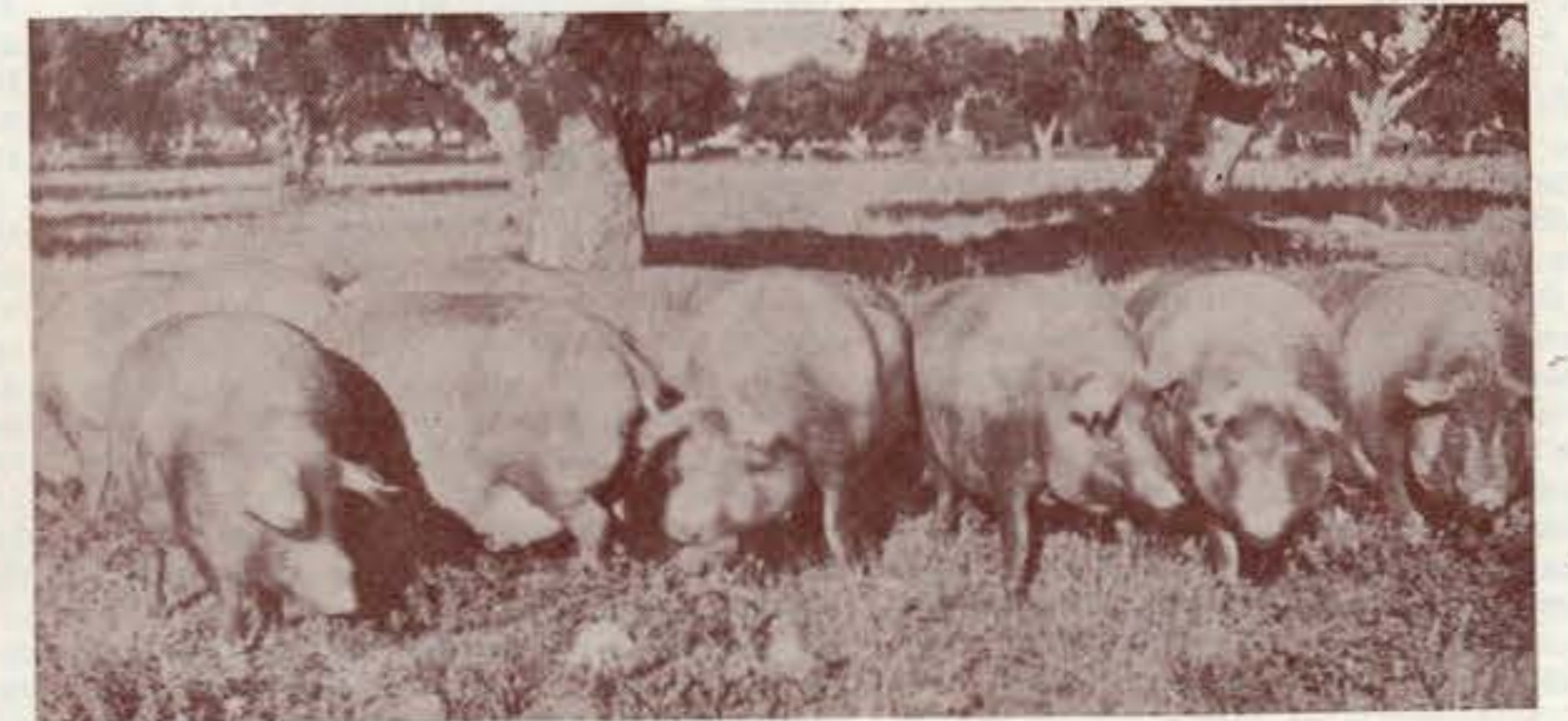
(Casa conde de Ervideira, Evora)



Fartopos (José Vaz Monteiro, Ponte de Sôr)



Uma das melhores malhadas slentejanas, vendo-se os lavradores de Vale Parede (Fronteira)



Bom gado da herdade do Gamito, Casa conde de Sampaio Portalegre)



Desoito arrobas e meia (Casa conde de Ervideira Evora)

ALENTEJANA



neficiem os consumidores de pão, em maior escala, que são as classes pobres e trabalhadoras.

Estabelecida a tabela base, a bandeira da misericórdia, vem, sob vários títulos, sendo feita a redução no preço fixado. No ano próximo findo, lançou-se cinqüenta centavos em quilo de trigo rijo; com a instalação dos Celeiros Municipais e respectivas Federações, que muito vêm deixando a desejar quanto a regularidade, reduziram-se 20 centavos em quilo; com o louvável intuito de acudir à assistência pública, onerou-se com mais meio centavo em quilo; tudo quanto a grande Lavoura vem recebendo em assistência monetária é à custa de juros e de sacrifícios que a atrofiaram. Como se tudo isso fôsse pouco, corre a grande Lavoura a contingência de nova redução no valor do trigo, a título de ela se tornar precisa para barateamento do preço do pão.

Têm os técnicos da Classe demonstrado não ser possível sem correr o risco da sua inutilização, aumentar-lhe os sacrifícios obrigatórios em anos produtivos e não produtivos, por se não tratar de indústria de rendimentos certos e consecutivos, como acontece a todas as outras em que predomina a audácia e a facilidade de poder comprar por um e vender por dois.

Promete S. Ex. o eminente estadista, que tem feito o logar mais distinto e brilhante da história Pátria, desde remotas eras, proceder com a maior equidade. Só isso nos pode conformar e fazer alimentar esperanças de justiça.

Se à deliberação presidir a prometida equidade como tudo nos leva a esperar de quem com tanta dignidade e acerto tem gerido os destinos da Nação, podemos nós, Lavradores, permanecer tranquilos e confiantes. Ninguém melhor que S. Ex. sabe aplicar os números e fazer contas. Assim, e feito um consciencioso inquérito das possibilidades de sacrifício, sairá a nossa classe, felizmente, triunfante, pois bem notoriamente se reconhecerá quanto penosa é a nossa situação, arriscando e dispendendo continuamente, para afinal só auferirmos os benefícios que o acaso ou a Providência nos proporcionam ao fim de um ano.

Reputo, por isso, colocada numa das fases mais perigosas, a Lavoura Nacional, se nesta emergência se não souber conduzir, agindo em prol da grande necessidade que lhe assiste de ser nítida e eficazmente protegida, collocando-a na sua verdadeira missão de difundir o trabalho e os proventos pelas classes rurais e por todas as outras para quem dela irradiam enormes benefícios, semeando muito e bem, arriscando mais, quanto possível, em prol da produção e defesa dos encargos nacionais de importância.

É agora que à minha classe assiste o grande dever de colaborar honrada e lialmente com o Grande Patriota, digno Presidente do Ministério, para ficar obra de sanidade moral e de decisão perfeita, equitativa, repartindo os sacrifícios de interesses desproporcionados, em benefício de quem mais precisa e de quem em nenhum caso pode ser olvidado — os que só têm por património o produto do seu trabalho — tornando-lhes a vida menos penosa e a mesa mais farta do pão bendito, para que eles concorrem com o seu trabalho, e os lavradores com o risco dos seus haveres e inarráveis canseiras.

Podê a classe esperar empenhada defesa da sua maior Associação de Classe? não mantemos essa ilusão, o desengano foi crucial!

Se, como vem sendo uso, qualquer projecto vier a ser pôsto ao aprêço dos interessados; se S. Ex. o Presidente do Conselho entender por bem ouvir os interessados, vamos todos, pessoalmente ou por meio de bem elaborada representação, ponderar-lhe, com honestidade, a conveniência de não arruinar a indústria em que têm ocupação os mais necessitados de amparo, em proveito de autenticos cambões, insaciáveis, impiedosos, nefastos.

Estabelecendo-se dois ou mais tipos de pão, porque a gente do campo não é exigente, contentando-se com pão alimentício, bem manipulado é certo, mas escuro e pesado que seja, conforme as regiões: de trigo no Alentejo, de milho, centeio e trigo no Norte e nas Beiras; permitindo-se o fabrico de pão de farinha em rama, facultando-se a permuta para o Alentejo do centeio e milho, onde êsse cereal pode ter largo consumo na alimentação de gados, por trigo para misturas ou mais intenso consumo no Norte e nas Beiras. Fixando-se, enfim, diferença do preço do pão, para as várias regiões em que a sua manipulação é mais anciada, com rendas de casas, salários, contribuições, custo de linhas, etc. Levando-se, finalmente, em linha de conta todos os factores, em conformidade com as regiões, sem esquecer a capacidade de lucros numa transacção continua, interupta, livre de contingências de elevação de preço da matéria prima, e ainda de riscos de perdas de capital, fácil será chegar-se a uma equitativa recompensa para cada classe, sem agravar umas em benefício de outras e sem descurar a mútua necessidade de exercerem a sua profissão tornando efectivo o cooperativismo idealizado pelo Estado Novo.

O meu grito de «alerta Lavradores Alentejanos!» aqui fica. Se vos deixardes adormecer, duro será o castigo para todos, e, em tal caso, nem razão de queixa ficará subsistindo.

25-2-935.

JOSÉ MENDES

(Lavrador em Elvas)

Veiros do Alentejo

Sôbre a tão falada irrigação do Alentejo e construção de várias albufeiras para o mesmo fim, em diferentes locais da nossa provincia, já há bastantes anos que muito se tem escrito e discutido, tendo sido tão palpitante assunto largamente tratado e apreciado por entidades técnicas e versadas na matéria, quer na imprensa quer no parlamento, fazendo, sistematicamente, parte dos variados programas dos diversos governos constituídos, tanto no tempo da Monarquia como durante a regência da Republica, sem que até á presente data qualquer coisa de notável, prático e concreto se tenha feito para a solução de tão momentoso, útil e proveitoso problema, que altamente interessa ao progresso e desenvolvimento da fecunda e uberrima Provincia Alentejana.

Entre os diversos locais, designados e escolhidos para o referido fim, está incluído o da ribeira de «Ana Loura», a duzentos metros desta vila, situado entre a serra de Santa Catarina e o outeiro da herdade da Valeja, e a cujos estudos, medições e respectivas plantas, se procedeu, em grande escala, há aproximadamente 10 anos, na emergência em que era ministro Emilio Navar-

ro, e em cujos trabalhos tomaram parte, além de outros, os conceituados engenheiros Pinto Coelho e Claro da Rica, cremos, que já todos falecidos.

Na mesma data, se não estamos em erro, se procedeu também a idênticos trabalhos nas ribeiras de Sêda, de Caia, próximo de Arronches; de Niza, etc., dispendendo o Estado nessa altura com os aludidos estudos, segundo lemos no Século há uns nove ou dez anos, (quando a decantada questão mais uma vez foi agitada), a verba de 68 contos — moeda valorizada ao cambio daquelle tempo.

A de Niza, (se tambem não estamos em erro), foi mais tarde construída por uma empresa particular, por elementos e com capitais portuguezes, que actualmente é a grande e prestimosa Empresa Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, no género, uma das principais do Paiz, que tanto engrandece, valorisa e prestigia, e valiosos benefícios presta á nossa rica e valorosa Provincia.

A de Arronches, salvo erro, ainda está por fazer; cremos, no entanto, que alguns inteligentes industriais daquelle vila, devotados amigos da sua terra e região, com o aproveitamento de energia eléctrica, proveniente das quedas de água da ribeira de Caia, ali fundaram há anos uma importante fábrica, (A Regional), onde se executam aperfeiçoados trabalhos de serralharia, fundição, carpintaria e ceramica.

Da de Sêda, nada sabemos, mas cremos, que, tal qualmente como a de Veiros, continua no rol das hipotéticas aspirações e sonhos irrealisáveis...

Devemos todavia declarar, em abono da verdade, que esta última referente á nossa terra, ultimamente e por mais do que uma vez, se tem propagado que se iria levar a efeito por conta da cidadã E. H. E. do A. A., e que para tal fim já aqui vieram tambem, uma ou duas vezes, alguns engenheiros, enviados pela dita empresa, vistoriar o local e proceder a estudos para a sua annunciada construção. Porém de concreto e positivo, nada sabemos a tal respeito; e se nós fazemos eco de tais boatos, é só a título de curiosidade bem intencionada, e com o não menos bem intencionado fim de contribuirmos com a nossa modesta quota-parte, para o engrandecimento e prosperidade do Alentejo, que o mesmo é, ser o de Portugal.

Como a construção da albufeira de Veiros — assim como a das outras mencionadas — se tornasse em autêntica realidade, muitíssimos e incalculáveis benefícios, de vária espécie, traria a esta laboriosa e produtiva Região, não julgamos inútil focar-mos a questão, conscio e convicto, de que *Vida Alentejana* lhe prestará atenção e se ocupará do assunto, com o interesse e carinho que lhe merecem todos os casos que de perto ou de longe se prendem aos merecimentos e grandeza do Alentejo, como tão exuberante e dedicadamente o tem evidenciado.

MANUEL JOAQUIM ALMADA

SALVE

As suas ovelhas

DA PAPEIRA

PLOUGH

(Tetracloroto de Carbono)

Garantido — eficaz — de facil applicação

REPRESENTANTE:

COLL TAYLOR, LDT. - R. Douradores, 29, 1.º - LISBOA



Uma sessão de propaganda

DO

Grémio Alentejano em Fronteira

A Fronteira foram, em missão de propaganda do Grémio Alentejano, os Srs. Engenheiro José Custódio Nunes, Joaquim Monteiro e Ventura Abrantes.

Recebidos na Câmara Municipal pelo seu presidente, o sr. Dr. José da Graça Porto, o qual apresentou as mais calorosas saudações em nome do povo de Fronteira.

Às 15 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, que estava literalmente cheio, o presidente do município apresentou os conferentes, os quais foram saudados com uma quente ovação.

Constituída a mesa, sob a presidência do sr. dr. Porto, foi dada a palavra ao illustre fronteirense sr. Joaquim Monteiro, o qual dissertou com larga erudição sobre o valor e acção do Grémio Alentejano em favor da propaganda e difusão das suas virtudes. A sua linguagem, cheia de brilho e larga erudição entusiasmou de veras os seus concitadãos, sendo calorosamente aplaudido. A seguir falou o antigo presidente do Grémio Alentejano, sr. Engenheiro José Custódio Nunes, que descreveu o que é a Casa do Alentejo, o seu valor moral, a sua acção como obra de cultura em largas iniciativas realizadas o que, com orgulho, bem recompensa o valor bairrista da província alentejana. A palavra fluente da sua exposição provocou quentes aplausos, constituindo uma verdadeira consagração.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Ventura Abrantes, o qual proferiu o seguinte discurso:

Senhor Presidente e meus senhores:

Há um erro de apresentação levado por uma benevolência de boa e leal amizade que eu não posso permitir sem o justificar a V. Ex.^{ta}. Eu não sou tribuno, agitador, nem romeiro, e não sou, porque, para possuir essas três virtudes, carecia de inteligência, de espírito superior e união de santidade que não logro possuir, por maiores esforços que eu pretenda realizar ou a amizade sempre demonstrada de Joaquim Monteiro me atribua.

Por que assim é na verdade, contentai-vos com o queixume de um romântico sentimental, que apenas vive para a fé do seu culto, pedindo à nossa Pátria, numa ternura, o despertar do seu coração, na maior indulgência para este peregrino alentejano do Além-Guadiana, que há muito um erro dos homens fez que se não acalente junto de vós, ainda que em boa propriedade ele seja vosso irmão, filho deste Alentejo glorioso, cujo sol nos acalenta a própria alma.

A que venho pois eu aqui, Sr. Presidente e meus senhores, com este queixume de penitente soluçar uma tristeza em angústia de nostalgia, incensar uma glória passada, quando a Pátria carece de energias novas e os homens de melhor agrupar-se sob a nossa bandeira, ou incurrir na alma da mulher alentejana a fé da sua bela espiritualidade? Sim, a que venho eu aqui, perguntarão V. Ex.^{ta}.

Estranha visita, logro completo aos corações bem intencionados que a delicadeza dos meus irmãos de Fronteira assim o permitem, na maior indulgência, a mim, oriundo da velha vila oliventina que a trago sempre junto ao coração.

Não devo, meus enternecidos comprovincianos, castigá-los com as minhas insulsas palavras, e por que o não devo fazer, permitam que vos conte um pouco da minha história, e dívida este ligeiro devaneio em três partes, visto que três pedidos vos desejo formular.

Primeiro: eu, sou um modesto pioneiro lusitano, que ando há muito integrado na fé para que à nossa Pátria seja paga, com justiça, uma dívida. Sim, dívida de honra, de princípio e de nobreza imponderável.

Não vou fatigar com datas longas exposições históricas, transcendências de argumentos, não; apenas vos vou contar singelamente como o coração de alentejano sabe dizê-lo, que, pelo Tratado de Badajoz — 1801 — um pouco da nossa querida província foi cerceada do convívio. Refiro-me a Olivença, a minha terra, aquela que eu ambiciono colocar junto de nós como comprovincianos, dadas as circunstâncias de termos sido obrigados a emigrar, e quando voltamos, somos recebidos como estranhos.

Mas, dizia eu, foi retirada do nosso covívio e como as injustiças cometidas têm sempre a sua hora de verdade imaculada, em 1815, pelo Tratado de Viana, foi reconhecido o direito a nós, portugueses, para que a mesma nos fosse entregue.

Quem a retem imprópriamente, não cumpriu a sua palavra, não achou oportuno o momento, e como penhor em atrazo de juros, duma amizade que nada dignificava, ela, Olivença, a das «Saudades de Oiro», para nós, alentejanos, ali vive estiolada, sangrando e evocando a sua ternura, num pranto de uma dor que só nós os oliventinos, sentimos na amargura que nos dilacerava a própria alma; e a propósito escrevia eu alguns.

Nós, os portugueses, para reconhecer bem a nostalgia da nossa Pátria, carecemos de sofrimento, do desterro, voluntário ou imprevisito, cujos infortúnios da vida muitas vezes nos levam nas rotas da aventura, no *mare magnum* das desditas dos nossos próprios sofrimentos.

Para se aquilatar e avaliar o grau da nossa ternura, a fé da nossa Pátria e a saudade da nossa terra — sempre querida e bem amada — basta-nos sair a linha divisória, vivendo longe, sem ouvir os cânticos das águas, o sussurro da música harmoniosa na beleza pastoril dos nossos campos, não sentir o crepitar do fogo nas nossas lareiras nem o bater das trindades na hora do dia que cai mansamente. Há tristeza de saudade, uma profunda amargura que mal se podem avaliar e só quem as sofre bem as pode comprovar.

Esse sofrimento produz a angústia, as lágrimas, assomam aos nossos olhos,

em ansiedade ardente de estreitar ao nosso coração, seja quem for, alguém que nos fale a nossa língua e nos faça estremer, dando-nos o seu fogo, na doçura de nos chamar irmão, patricio, português.

Mas, viver ao lado da Pátria, como um Tântalo, sentir as canções das mondeiras, aspirar os aromas dos rosmaninhos, ouvir o murmúrio das águas, o gemer dos carros, ou os choros das noras na cadenciada litania de sempre, sem a comunhão da nossa alegria, deve constituir — para o oliventino — o maior martírio da nossa alma, na saudade infinita do criador do vocábulo torturante.

Infelizmente, assim é, para a nossa Olivença, cuja alma chora as desditas, nas mágoas duma dor que mata lentamente a sua vitalidade.

Portugal... cavaleiro, fidalgo, perdulário das suas riquezas olha indiferente (?) como a querer cicatrizar a chaga vermelha da sua última caída, enquanto lá da margem esquerda do rio — esse doce Guadiana — nos faz sentir as saudações que lhe falam na alegria de quem espera a sua vinda, com um vivo contentamento.

Os emigrantes, os prisioneiros, têm duas características especiais: o primeiro, é voltar cheio de glória. Para isso luta, trabalha, sofre e, quantas vezes morre na tragédia ingente do seu sonho; o segundo, sonha ambicionando a luz da liberdade e todos os dias a sua alma encarcerada, vive horas de alegria, na esperança embaladora dos risos num sonho de idealismo que é a virtude da sua própria existência.

Assim, Olivença, aquela que nos saúda, nos aperta junto ao peito, nos sorri, nos alegra, nos beija, mostrando-nos com supremo orgulho as suas tradições, balbuciando num ritmo de cadência musical o *Deus-te-salve*, como a dizer-nos amorosamente: — tu, meu irmão de Portugal, vem buscar-me? Não te esqueças de mim, que eu aqui vivo o momento da minha emigração ou da pena que tenho de espíri e de que só tu és o culpado.

E Olivença, parece segredar-nos, só eu sei o que sófro nesta saudade que lentamente me vai consumindo. Vém, aperta-me que eu sinto o teu calor se ao saíres te disserem que eu sou feliz, não deis crédito, não; eu vivo da tua maravilhosa glória, das tradições das tuas grandiosas virtudes, dos versos de Camões e da sombra de Nun'Alvares.

O tema de Olivença, carece de ser integrado ao coração dos nossos filhos, sim, para que eles a todo o tempo não digam nem escrevam, que houve da nossa parte, a cobardia de não afirmar, que Olivença nos pertence e é portuguesa.

Dizem as velhas crônicas por onde passam ardentes os meus olhos, que o sentimento nacional dos oliventinos corre límpido, suave e claro, no atributo inapagável do nosso passado, mostrando Olivença bem viva a sua fé, no vínculo sagrado da sua língua.

Olivença, constitui um cantico e é para nós portugueses um símbolo expressivo o qual devemos ter presente,

Uma sessão de propaganda

(Continuação da página 7)

dia a dia, hora a hora como diligência do mais nobre e exaltado princípio, de uma fé, puramente nacionalista.

Para as almas alcançarem essa fé, carecemos de a pedir a Deus, para se obter essa virtude, carecemos de merecê-la e, a fé e a virtude, só se ganha orando no altar sagrado da Pátria, pedindo-a, clamando-a com justiça, na lealdade de um justo sentimento.

Eu sinto que esta chama vai lentamente irradiando em culto de dever imperioso num calor da sua justiça. Irmãos de Portugal, Vinde até aqui á margem em que soluça o Guadiana e escutareis o pulsar dos nossos corações bem nitidamente enamorados dos que com tanto sentimento nos esperam!

Ah! Se soubesdes na verdade como eu sófro, razão me dariam pedindo nas vossas orações para que este castigo termine, por que fé de saber esperar, tenacidade, sentimento, carinho e valentia de saber aguardar, êsse não careço eu de o solicitar, sinto-o, vivo dele e se não fosse assim terieis de me deixar, como se eu fosse Ceuta, Ceilão ou Bombaim. E terminava.

Não te ofendas, isto é desabafo apenas para te encorajar nesta batalha em que espero um dia sentar-me á tua lazeira e sob os teus olhos contar-vos esta tristeza que me traz afogada e alma, num pranto de incomensurável alegria.

Cabe aqui formular o primeiro pedido, por mim, alentejano irridente de Olivença que cheio de entusiasmo, venho rogar a V. Ex.º Senhor Presidente para que Olivença, a nossa, tenha o seu nome numa artéria desta linda terra de Fronteira a qual garridamente se enfeita para nos receber com as galas mais belas do seu coração, e os sentimentos mais vivos do seu intenso patriotismo, mostrando bem alto a lealdade de cujas virtudes V. Ex.º e o seu povo, são os espelhos das nobres virtudes e se assim o entenderdes, eu vos peço meus irmãos, que me acompanhem levantando-vos e apaludindo junto de S. Ex.º para que a Olivença se realize essa manifestação levanta-do eu gravado no meu peito, a festa memorável e patriótica de homenagem ao meu querido amigo Joaquim Monteiro que Fronteira lhe presta hoje.

Para formular o meu segundo pedido, devo dizer que Portugal é um País de longas e formosas tradições e o Alentejo o seu expoente de bondade, representado nessa figura pálida, do Nazareno, pregador de uma nova justiça cheia de suavidade que encanta a alma e até o próprio sentimento de cristão.

E se assim é, escutem: Portugal, país de flores, de águas cantantes e de searas floridas tem sete provincias, cujas sedes em Lisboa constituem o fulcro das suas regiões no mais acendrado amor e brio provincial, conjugando energias, mostrando valor, e fé na sua acção de caridade que foi dizer ao lírico beirão dr. Lopes de Oliveira: «o coval tanto como a casa, prende o homem á terra natal — estância de vivos e pouxada de mortos».

O dr. Luiz de Almeida Braga — minhoto — diz que o «Minho é a lazeira sagrada desta pequena casa lusitana e é

Citania de Briteiros e ninho da Raça» todos mostram o fogo do seu amor na fé de rebrilhar fortemente no imponderável dos ceus o diadema da sua ternura mas não ficais só, o Alentejo e a alma que mais brilha e numa embaladora melopeia essa estranha figura que foi glória nossa dr. António Sardinha, canta

referindo-se ao nosso Alentejo:
Terra dos meus Avós, dos bons Maiores,
donde a minha Arvore descansa!
Terra regada com os seus suores,
donde eu vejo a sua semelhança!

A sua semelhança está comigo
em mim a cada hora se renova
ó Terra que me foste berço amigo
ó Terra que serás a minha cova!

Postas as mãos em oração ardente,
ó Terra de Crisfal e Bernardim,
peço-te a benção comovidamente
que a tua benção desça sobre mim!

E eu, parafraseando a frase vos digo: a nossa casa é Portugal, a janela em que nos debruçamos é o Alentejo, cuja bandeira de trigais atesta uberrimamente com orgulho, o esforço de benditos trabalhadores das campinas, dos vales, das encostas e dos cerrões em que gloriosamente trabalhamos a terra e em que deixamos o sangue, a glória e a paz dos nossos maiores.

Se assim somos, porque, nós os alentejanos não devemos de comprovar igualar o nosso valor na divisa de *Bem-fazer?*

Sim, porque nós que testemunhamos com prazer a virtude de nos sentir fortes, impõe-se-nos um dever — sagrada obrigação de cumprir — baseada no princípio que dominam os nossos corações, os quais, consistem em agasalhar, amparar, socorrer com carinho todas as almas que sejam alentejanas no amparo doce do que carecem na hora cruel da desdita, longe, da sua provincia, nas enxergas de um hospital, ou na miséria desapidada da hora má em que a desventura bate sempre. Sim, porque não devemos nós de realizar essa missão?

Como realizar êsse milagre? Facilmente, conjugando energias, fortalecendo-as e estimulando os nossos brios norteados num espírito cristão e realizando com as migalhas dispersas, o pão dos bem-aventurados.

Para que essa obra notável se possa conceber — em maior latitude — carece o Grémio Alentejano de um auxilio, de um empréstimo em que se possa instalar convenientemente para ser útil a todos aqueles que sequiosos, nos procuram como refúgio de salvação, na hora da adversidade. Socorrei-os que socorrendo-nos nesta emergência é amparar-nos para ser fortes com os desventurados alentejanos.

O solar, o monte, o casal do Alentejo, carece de ser fortalecido, para que êle preste justiça, á missão carinhosa das suas virtudes, e assim êle precisa que os nossos comprovincianos nos auxiliem, emprestando-nos uma parcela das vossas migalhas, para que o Grémio Alentejano realize o esforço comum no interesse moral e material além do que já está realizando.

Terminado êste segundo pedido, a que certamente vais a corresponder, permitis meus patricios que vos peça perdão do meu último pedido o qual é a indulgência com que me tendes escutado, para que, apresento a V. Ex.º as minhas homenagens saudando-vos e agradecendo, quem como alentejano, sa-

Cotações

Na sessão do dia 28 houve por milho branco, vendedor, a 1\$15; a aveia apareceu, comprador, a \$72, quando só houve vendedor a \$70; a cevada vendia-se a \$90 e comprava-se a \$80; o centeio vendia-se a \$95; fava ratinha comprava-se a 1\$00 e vendia-se a 1\$10, meã só houve vendedores a 1\$14.

Neste mercado foram efectuadas as seguintes vendas de arrós nacional descascado: Extra glaciado a 2\$45, idem matizado a 2\$40; 1.ª matizado M a 2\$33, 1.ª branco A a 2\$40; 2.ª branco AA a 2\$20; 3.ª AAA a 1\$95.

Na sessão do dia 2 apareceu à venda sem se ter efectuada a compra: milho amarelo 1\$13, branco 1\$15; aveia \$77; cevada \$94; centeio \$88.

A fava ratinha 1\$07, mas só appareceu comprador a 1\$00; fava meã, vendedor, 1\$12, comprador, 1\$02. Tremôco, só comprador, a \$58. Grão branco médio 2\$20, vendedor; preto 1\$38.

Evora—No último mercado a carne de porco foi vendida: para marchante 80 e 88\$00; para a cidade 88 e 90\$09—os 15 quilos.

«O jornal do meio dia»

(Continuação da pag. 2)

Moura, Castro Verde, Avis, Nisa, Arronches, etc.

Com que direito procederam as direcções desses Sindicatos? Se êles não concordam que a Lavoura se deve defender, quem impôr aos seus associados o mesmo critério?

Esses Sindicatos são: Ferreira do Alentejo, Vila Viçosa, Cabeço de Vide, Castelo de Vide, Redondo, e Alandroal.

Para demonstrar que nem todos os lavradores pensam como a direcção desses Sindicatos que nos devolveram as circulares basta dizer que já temos algumas inscrições e assinaturas do concelho de Ferreira do Alentejo.

Mas o *Jornal do Meio dia*, não deixará de circular, e irá ás mãos dos lavradores dos concelhos cujos Sindicatos se desinteressaram da legítima defesa dos interesses dos seus associados.

Que diacho, nem só a grande moagem tem direito á defesa.

be receber carinhosamente o visitante, o irmão comprovinciano que enamorado da sua festa, apresenta o fervor da sua gratidão.

Encerrou a sessão o dr. Graça Porto, o qual, prometeu atender o pedido de dar a uma das ruas o nome de Olivença e ao Grémio Alentejano a mais forte cooperação nos desejos manifestados, agradecendo ao Grémio Alentejano, a lembrança do envio dos seus delegados.

(Especial)

VEEDOL

EXPERIMENTE

ESTES

DIFERENTES

OLEOS

100 %

PENNSYLVANIA

LUBRIFICANTES

Distribuidores exclusivos em Portugal:

VEROIL

COMPANHIA IMPORTADORA DE OLEOS

LISBOA—Avenida 24 de Julho, 94—Telef. 2 8023/4

AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAIZ